

PABLO NERUDA: UM POETA ENGAJADO

Adriane A. Vidal Costa¹

Para nós, o escritor, de fato, não é nem
Vestal, nem Ariel: o que quer que faça,
ele “está em atuação”, marcado,
comprometido, até sua mais remota
aposentadoria.
...Que ele abrace firmemente sua época:
não queremos perder nada de
nosso tempo.

(Jean-Paul Sartre)

RESUMO: Neste artigo buscamos compreender as raízes do engajamento do poeta chileno Pablo Neruda. Para isso analisamos o seu comportamento político e o seu discurso no contexto de sua relação com o comunismo, o antifascismo, a Guerra Civil na Espanha e a União Soviética. Refletimos sobre sua tomada de posição a favor do comunismo, da revolução e sua relação com a cultura política comunista, considerando suas contradições e mudanças de opinião. Enfim, enfatizamos como a palavra poética, no caso de Neruda, serviu de instrumento de combate e ação política.

PALAVRAS-CHAVE: Pablo Neruda. Intelectual engajado. Cultura política comunista.

ABSTRACT: This article intends to understand the roots of the engagement of Pablo Neruda, a Chilean poet. To do so, we analyze

¹ Doutoranda em História e Culturas políticas pela UFMG, Professora de História da América no Centro Universitário Newton Paiva.

his politic behavior and his speech in the context his relation with the communism, the anti-fascism, The Civil War in Spain and The Soviet Union. We reflect about the position he took for the communism, the revolution and his relation with the communist politic culture, considering his contradictions and changes of opinion. Lastly, we emphasize how the poetic word, in Neruda's case, served as an instrument of combat and politic action.

KEYWORDS: Pablo Neruda. Engaged intellectual. Communist politic culture.

Para analisarmos o compromisso político do poeta chileno Pablo Neruda e, em decorrência, a sua poética engajada, é necessário compreendermos as motivações que o levaram a aderir ao comunismo e quais foram as implicações dessa adesão no seu comportamento político e no seu trabalho literário. Nesse sentido, a cultura política comunista constituiu-se um fator importante, pois nos ajuda a entender as suas escolhas em função da visão de mundo que traduz. (BERSTEIN, 1998).

O uso do conceito cultura política permite trabalhar na longa duração histórica, o que nos possibilita analisar toda a trajetória política de Neruda, levando em consideração a sua interação com as "dimensões do comunismo", que compreendem: a doutrina; o partido; a hierarquia das organizações centralizadas, como a III internacional Comunista que, desde Moscou, pretendia impor homogeneização, coesão e união ao conjunto de seus componentes; e, por fim, o seu calendário próprio com suas festas, suas comemorações e ritos (LAZAR, 1999). Tais características da cultura política comunista estão inseridas em realidades históricas, vivenciadas por Neruda, como a Guerra Civil na Espanha, o período entre guerras e suas questões políticas, a participação da União Soviética na Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria.

O intelectual antifascista e os primórdios do intelectual comunista

Para analisarmos as relações de Neruda com a cultura política comunista convém esclarecermos como se deu o encontro do poético com o político na sua obra. Sabemos que a poesia nerudiana dá “politicidade” ao poético e “poeticidade” ao político. Consideramos relevante citar aqui Carlos Fuentes, ao referir-se à fusão do estético e do político na narrativa hispano-americana:

Existem dois cavalos, o estético e o político, e que o romancista hispano-americano deve montar em ambos ao mesmo tempo, ou ainda que talvez esses cavalos sejam um só e o mesmo, porque toda obra literária fiel a suas premissas e lograda em sua realização, em sua expressão, tem um significado social. (FUENTES apud COUTINHO, 1987, p. 194).

Fuentes está aludindo aos romancistas, mas é claro que podemos situar nessa interpretação a poesia nerudiana. A fusão do estético com o político, na poesia de Neruda, ocorreu definitivamente nos anos de 1930. O cenário mundial a partir da década de 1930 foi marcado por tensões políticas e ideológicas que, de diversas formas, provocaram mudanças no mundo inteiro: a consolidação de Stalin no poder, a ameaça mundial do fascismo, a Guerra Civil Espanhola, o avanço de Hitler, a afirmação dos Estados Unidos como potência imperialista, a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria. Período assinalado por lutas ideológicas: fascismo, nazismo, comunismo, socialismo e crise do liberalismo.²

² Na América Latina, temos acontecimentos marcantes: a Revolução de 30, liderada por Getúlio Vargas no Brasil; a deposição do governo de Yrigoyen na Argentina, liderada pelo General Uriburu (1930); a derrubada do governo Leguía no Peru, pelo Coronel Sánchez Cerro; a morte de Mariátegui em 1930, chegando ao fim a importante revista *Amauta*, por ele dirigida; o governo de Lázaro Cárdenas no México; a Frente popular no Chile; a morte de Sandino etc.

Os acontecimentos desses anos marcaram a intelectualidade latino-americana. Foi um período no qual a produção artística, em grande medida, vinculou-se consciente e ativamente às lutas políticas e ideológicas do seu tempo. Os intelectuais se dividiram: optaram pelo apoio às ideologias nacionalistas de inspiração fascista e nazista, ou, por outro lado, foram defensores do stalinismo e da URSS. No entanto, havia também aqueles que acreditavam na autonomia da arte, os partidários da “arte pela arte”, sem preocupações explícitas de ordem política ou social.

Como resposta a essa fermentação ideológica, a poesia de cunho social inundou a América Latina pelos fins da década de 1930: a obra de César Vallejo, Pablo Neruda, Nicolás Guillén, Raul González Tuñón e tantos outros. Situação que os levou a uma revisão profunda de seus valores estéticos e à ênfase no papel do escritor e na importância de uma literatura comprometida com o social e o político.

No começo de 1934, Neruda partiu para Barcelona a fim de exercer o cargo de cônsul. Pouco depois, foi transferido para a capital espanhola. Afinal de contas, era em Madri onde as coisas aconteciam, era lá que estava a poesia, juntamente com a “Geração de 27”: García Lorca, Rafael Alberti, Cernuda e muitos outros. Desde o primeiro momento em que chegou a Barcelona, Neruda desenvolveu uma relação afetiva com a Espanha, com sua gente, sua cultura, seu idioma. Ali, ele redescobriu Quevedo, Góngora, Villamediana e se relacionou com os grandes poetas da época. Na Espanha, ele encontrou luz, amizade, identidade e reconhecimento. São numerosas as referências que mais tarde fará sobre esses dias passados na Espanha, chegando a afirmar que o poeta de tantas tormentas havia encontrado a felicidade em Madri.

Quando Neruda chegou à Espanha, já haviam passado cinco anos desde que o país se tornara uma república, e, dois anos depois, as eleições gerais conduziram ao poder as esquerdas coligadas pela Frente Popular. Essa última foi uma estratégia adotada pela Internacional Comunista em 1935, para “[...] impulsionar a unidade de ação entre os comunistas e outras forças políticas com o intuito de se fazer frente, política e ideologicamente,

ao fascismo e ao nazismo, então em ascensão na Europa Ocidental.”³ (AGGIO, 1998, p. 665). Em julho desse mesmo ano, como reação à República espanhola e, conseqüentemente, ao governo da Frente Popular, ocorreu o *pronunciamiento* militar liderado pelo general Francisco Franco. Começava então a guerra civil que duraria até inícios de 1939.

Pablo Neruda esteve presente no palco dos acontecimentos da Guerra Civil Espanhola, o que mudou o rumo de sua poesia, despertando no poeta o compromisso político-social. A confirmação está no livro *España en el corazón, himno a las glorias del pueblo en guerra*, publicado em 1937. É o que sustenta grande parte de seus críticos. Porém, não podemos deixar de mencionar o texto de Neruda “Sobre una poesía sin pureza”, publicado no primeiro número da revista literária *Caballo Verde para la poesía*⁴, de Madri em outubro de 1935, no qual ele já apontava algumas mudanças em seu fazer poético.

Na Espanha, Neruda foi convidado a dirigir *Caballo verde para la poesía*. Nos cinco números da revista, o texto mais conhecido e, talvez, o mais polêmico, foi justamente o artigo “Sobre una poesía sin pureza”. Nele, o poeta questionou o sentido da “poesia pura” – termo cunhado pela primeira vez por Paul Valéry, que designa a manifestação poética em que a arte é destinada unicamente à fruição, mais preocupada com a forma do que com o conteúdo, ou seja, a “arte pela arte” (SCHWARTZ, 1995, p. 429) – e fez uma declaração de engajamento político ao evidenciar o seu compromisso com a *poesia sem pureza*, uma poesia comprometida com a realidade, com as questões sociais. Para Neruda:

Uma poesia impura como um traje, como um corpo, com manchas de nutrição e atitudes vergonhosas, com rugas, observações, sonhos, vigílias, profecias, declarações de amor e de ódio, animais, sacudimentos, idílios, crenças políticas, negações, dúvidas, afirmações, impostos. (NERUDA, 1980, p. 122).

⁴ Essa revista aderiu ao surrealismo e à “poesia impura”. Foi a última revista publicada pela “Geração de 27”.

Esse artigo de Neruda gerou várias controvérsias, tanto na Espanha quanto na América, provocando quase *uma guerrilha literária* entre os partidários da “poesia pura e os partidários da poesia sem pureza.” Não faltaram poetas que desaprovassem o texto de Neruda. Como Juan Ramón Jiménez que, a partir de 1935, publicou vários artigos na revista *El Sol* de Madri, defendendo a “poesia pura como sinônimo de poesia autêntica, original, aguda, rara, direta e viva.” (TEITELBOIM, 1985, p. 163). Em resposta a Jiménez, Neruda publicou dois artigos em *Caballo Verde*: “Los temas”, no qual enfatizou, uma vez mais, a necessidade de uma poesia impura; e “Conduta e poesía”, em que questionou explicitamente a atitude de Juan Ramón Jiménez e sua obra.

No quarto número da revista, Neruda publicou o poema “G.A.B”, uma homenagem a Gustavo Adolfo Bécquer, em razão do centenário do seu nascimento. O número seguinte da revista, dedicado ao poeta Julio Herrera y Reissig, não chegou a ser publicado:

[...] a revista deveria aparecer em 19 de julho de 1936, mas naquele dia a rua se encheu de pólvora. Um general desconhecido, chamado Francisco Franco, tinha se rebelado contra a República em sua guarnição da África. (NERUDA, 2000, p. 143).

Podemos afirmar que o seu envolvimento com a Espanha desde 1934, quando chegou a Barcelona, e o texto “Sobre una poesía sin pureza”, marcaram o início de uma grande mudança na poesia nerudiana. E os acontecimentos relacionados à guerra civil aprofundaram esta convicção, despertando de vez o compromisso político-social no poeta.⁵ A raiz do seu livro *España en el corazón, himno a las glorias del pueblo en guerra* está nos episódios da Guerra Civil Espanhola. Os poemas foram impressos pela primeira vez na Espanha, de maneira bastante singular, ou seja, na frente de batalha, em plena guerra civil. Esse livro é a

⁵ O comprometimento de Neruda com assuntos públicos de ordem político-social não é exatamente uma novidade, considerando suas colaborações na revista *Claridad* e o seu envolvimento com o anarquismo nos anos de 1920.

crônica da guerra, um canto às ruínas depois da batalha e uma *dantesca condenação do General Franco aos infernos*. A estrutura de *España en el corazón* parece a de um poema antigo: com invocações, maldições, relatos, análises das causas, explicações, exaltações, retratos do passado, crônica da guerra. (TEITELBOIM, 1985). Nesse livro, sua poesia ganha contornos históricos e é visível a dimensão político-social que se consolida mais tarde em *Canto general* (1950). *España en el corazón* foi um grande marco na poesia nerudiana, pois com esse livro o poeta assumiu seu lado cronista, testemunha do que o destino lhe permitiu ver e viver.

A guerra civil possibilitou um envolvimento maior do poeta com os conflitos políticos do momento: nazi-fascismo, por um lado, bloco soviético e comunismo, por outro. Hitler e Mussolini apoiaram o General Franco publicamente, ajudando-o militarmente com homens e material bélico. Como observa François Furet, durante a guerra civil,

[...] os progressos de Franco estavam ligados aos sucessos de Hitler, assim como os seus recuos consagrarão uma vitória comum à democracia e ao comunismo, reunidos sob a bandeira do antifascismo. (FURET, 1995, p. 297-298).

Stalin, por sua vez, afirmou apoio à República Espanhola, enviando desde conselheiros político-militares a material de guerra; ao mesmo tempo, o Komintern formava as Brigadas Vermelhas. Na verdade, Stalin estava afirmando uma política que defendia desde 1934: a luta antifascista. Segundo Furet:

[...] a guerra da Espanha tornou-se o acontecimento-chave por excelência da década de 30, opondo já, num primeiro conflito, as forças internacionais do fascismo às da liberdade. As democracias ocidentais não compareceram ao encontro, ao passo que a União Soviética correu com homens, armas e grandes toques de clarim. O antifascismo comunista forja aí ao mesmo tempo sua história e sua lenda. (FURET, 1998, p. 297-298).

O que justificou o apoio das ditaduras fascistas a Franco foi a busca de uma “oportunidade de estender sua influência no sul da Europa e de testar por intermédio da Espanha a vontade franco-inglesa”, já que os dois países optaram por uma política de não-intervenção. A partir do apoio italiano e alemão, a Espanha tornou-se um objetivo central da política soviética e da ação do Komintern, ou seja, uma “vitrine antifascista da propaganda soviética, ao mesmo tempo que uma mensagem em código para Hitler.” A URSS apoiou as forças republicanas para atingir dois objetivos, um militar e outro político. O objetivo militar era evitar o avanço do Exército insurreto. Para tal, a União Soviética enviou armas, aviões, tanques etc. No plano político, era conseguir controlar a política do governo espanhol e fortalecer o Partido Comunista. No entanto, o objetivo maior de Stalin não era o de salvar a liberdade e nem socorrer a “Revolução na Espanha”. Sua meta era colocar o país sob influência soviética e tornar a Espanha “um país ‘amigo da URSS’, deixando a fórmula todo seu espaço para a burguesia, contanto que seja pró-soviética.” Era a *Frente Popular em sua versão Kominterniana em padrão internacional* (FURET, 1995).⁶ É relevante notar que a União Soviética se autoproclamava a vanguarda na luta contra o fascismo, mas vivia, no período de 1936-1939, seus piores dias de terror.

A posição política de Neruda nesse momento foi de compromisso com a luta antifascista e de identificação com o comunismo. Assim sendo, Neruda não chegou ao ideal comunista pelo marxismo nem por qualquer tipo de caminho intelectual, mas por razões que dependiam antes de tudo do contexto histórico e político de uma época. Em suas memórias vem a confirmação:

⁶ Segundo esse autor, não podemos compreender a guerra na Espanha apenas pela “chave fascismo/antifascismo”, mas também pelos acontecimentos que são peculiares à Espanha: “A Revolução de julho de 1936 é uma revolta do exército, apoiado pela Igreja Católica, pelos monarquistas, pelos proprietários de terras e por tudo o que a Espanha conta em matéria de forças tradicionais [...]. A Espanha oferece o espetáculo de um conflito mais antigo do que o do fascismo e do antifascismo: em suas terras, enfrentam-se a revolução e a contra-revolução” (FURET, 1995, p. 301).

Embora eu tenha me tornado militante muito mais tarde no Chile, quando ingressei oficialmente no partido, creio ter me definido como um comunista diante de mim mesmo durante a Guerra da Espanha. Muitas coisas contribuíram para minha profunda convicção.

[...] Os comunistas eram a única força organizada que criava um exército para enfrentar os italianos, os alemães, os mouros, e os falangistas. E eram, ao mesmo tempo, a força moral que mantinha a resistência e a luta antifascista.

Simplesmente tinha que escolher um caminho. Foi o que fiz naqueles dias e nunca me arrependi da decisão tomada entre as trevas e a esperança daquela época trágica. (NERUDA, 2000, p. 239)⁷.

Nesse momento, Neruda ainda não era um militante comunista, mas um militante antifascista que se identificava com o comunismo. Perguntaram-no em uma entrevista, realizada em 1937, se ele era comunista, ao que o poeta respondeu: “Não sou comunista. Sou um intelectual que defende os foros da cultura ameaçada. Creio que é um dever dos homens de hoje.” (NERUDA, 1999, p. 1059)⁸.

Para entendermos a resposta de Neruda, convém assinalarmos que a instauração do regime nacional-socialista na Alemanha de Hitler levou inúmeros intelectuais à luta antifascista. Para Eric J. Hobsbawm, foram três os motivos: o fascismo em si ultrapassava as fronteiras da realidade italiana e tornava-se a maior expressão internacional da direita.⁹ Em segundo lugar, o fascismo não se limitava somente à esfera política, “a questão em jogo - e ninguém se dava conta disto melhor que os intelectuais - era o futuro de toda uma civilização,” pois se “o fascismo pisoteava Marx, pisoteava igualmente Voltaire e John Stuart Mill”;

⁷ Não podemos deixar de mencionar o relacionamento de Neruda, nos anos 1930, com o poeta Rafael Alberti e Delia del Carril, sua companheira, ambos comunistas, que também influenciaram na tomada de posição do poeta.

⁸ Entrevista concedida a Manuel Seoane, para a revista chilena *Hoy*.

⁹ Os movimentos políticos fascistas ou aqueles que desejavam compartilhar o prestígio e o poder dos dois grandes Estados europeus, agora sob regime fascista, cresceram e se multiplicaram em muitos países.

rejeitava tanto o liberalismo, como o socialismo e o comunismo. Enfim, “[...] recusava toda a herança do iluminismo setecentista, junto com ela, todos os regimes nascidos da Revolução Americana e da Francesa, não menos do que os nascidos da Revolução Russa.” (HOBSBAWM, 1987, p. 265). Possivelmente esta seja a *cultura ameaçada*, da qual falava Neruda. Em um artigo publicado em *Nuestra Espanha*, em Paris (1937), Neruda disse que se posicionava a favor da República e do povo espanhol porque o futuro do espírito e da cultura da “nossa raça” dependia diretamente do resultado da luta contra Franco e o fascismo. O poeta estava convencido de que a derrota da República traria uma “onda de perseguições jamais vista na história do mundo, terminando com tudo o que havia de vital e criativo na cultura espanhola.” Assim sendo, “o conjunto de pesquisadores, professores, bibliotecários, ensaístas, romancistas, poetas, pintores, escultores, desenhistas,” enfim os depositários da cultura espanhola, seriam mortos ou desterrados, e a “barbárie e a morte reinariam na Espanha.” (NERUDA, 1999, p. 387-388).

Em terceiro lugar, para Hobsbawm, o argumento essencial foi que o fascismo significava a Guerra. O autor ilustra essa questão com acontecimentos ocorridos depois de 1933: o *putsch* nazista na Áustria (1934), a guerra da Etiópia (1935), a reocupação hitlerista da Renânia, a guerra da Espanha (1936), a invasão japonesa na China (1937), a ocupação alemã da Áustria e, finalmente, por Munique, em 1938 (HOBSBAWM, 1989). Para muitos intelectuais que vivenciaram a Primeira Guerra Mundial, os acontecimentos acima citados representavam ameaças à paz. Assim, os intelectuais que aderiram à luta antifascista também levantaram a bandeira da paz, como foi o caso de Neruda. Não podemos esquecer que a propaganda da Internacional Comunista enfatizava, cuidadosamente, o tema da paz, outra formulação defendida pela URSS. Assim, entre as motivações, o pacifismo foi um agente bastante eficaz, pois intensificava a atração que o comunismo exercia sobre a intelectualidade. Podemos citar outros intelectuais que também aderiram à luta antifascista e pacifista: os europeus Malraux, Brecht, García Lorca, Picasso; os

norte-americanos Faulkner, Hemingway, Dreiser e os latino-americanos César Vallejo, González Tuñon e outros. Contudo, não podemos dizer que o processo que levou esses intelectuais ao antifascismo e, em muitos casos, a posições de esquerda, freqüentemente marxistas, foi linear ou livre de problemas (WINOCK, 2000). E também não podemos afirmar que todos eles se tornaram comunistas, como Neruda. Um exemplo é o poeta chileno Vicente Huidobro, que identificava-se com o antifascismo, mas não se aproximou da esquerda comunista nem fez apologia à “poesia sem pureza”. Pelo contrário, era um ardente defensor da “poesia pura”, da “arte pela arte.”

Na América Latina, segundo Hobsbawm, o antifascismo tomou contornos diferentes, pois “o fenômeno do fascismo era remoto e incidia muito pouco na realidade interna” e não seria “realista identificar no fascismo o inimigo ou o perigo principal, ou as duas coisas juntas.” No entanto, em alguns casos, a direita tradicional na América Latina se identificava ou simpatizava com as idéias fascistas. O autor cita como exemplo os sinarquistas no México e os integralistas de Plínio Salgado no Brasil (HOBSBAWM, 1989).¹⁰ Concordamos com Hobsbawm quando ele afirma ser prudente não identificar no fascismo o inimigo ou perigo principal ao analisarmos a realidade latino-americana na década de 1930, como ocorria em alguns países da Europa. Entretanto, discordamos quando ele afirma que o fenômeno do fascismo foi remoto e incidia muito pouco na realidade interna dos países latino-americanos. A influência das idéias fascistas na América Latina, nos anos 1930, foi muito além dos integralistas e dos sinarquistas, e, portanto, não foi remota. Pelo contrário, vários intelectuais foram simpatizantes do fascismo na Argentina, no Chile e em outros países. De acordo com José Luís Bendicho Beired, o pólo fascista na Argentina reunia intelectuais como Enrique P. Osés, Carlos

¹⁰ Para esse autor, os intelectuais latino-americanos se identificavam com o antifascismo por três razões: simpatia pelo antiimperialismo marxista, a influência exercida pela cultura européia, a experiência direta de alguns intelectuais na guerra espanhola.

Ibarguren, Juan Carulla e Leopoldo Lugones. O pólo fascista da direita brasileira teve como principal expressão o integralismo, cujos principais líderes foram Plínio Salgado e Miguel Reale (BEIRED, 1999, p. 23-24).

Na América Latina no período entre-guerras, segundo estudo de Marionilde Dias B. de Magalhães, os imigrantes alemães aproximaram-se de sua cultura original e afastaram-se, conseqüentemente, das propostas de integração às culturas americanas. Essa resistência à assimilação foi estimulada por agentes do imperialismo cultural alemão, os quais ganham uma coloração mais nítida com o advento do nacional-socialismo (MAGALHÃES, 1996).

No Chile, em 1933, o reitor da Universidade de Valparaíso, Adolfo Wilckens, exaltou a “contribuição dos teuto-chilenos à causa sagrada que foi a restauração do antigo regime alemão.” Ainda nesse país, E. Phillip, líder teuto da colonização germânica que emigrou para o país no século XIX, foi lembrado como um novo Siegfried: “saxão de olhos azuis e de sangue generoso onde corre um ardente vigor,” uma encarnação do mito da eterna juventude alemã (MAGALHÃES, 1996, p. 338-339). Segundo Neruda, na América Latina existiu “uma forte corrente impregnada, natural ou financeiramente, pela corrente hitleriana. Em toda a parte formavam-se pequenos grupos que levantavam o braço, fazendo a saudação fascista.” E no Chile:

Por aqueles dias de vitórias estrondosas de Hitler, tive que cruzar mais de uma vez alguma rua de um vilarejo ou de uma cidade do Sul do Chile sob verdadeiros bosques de bandeiras com a cruz gamada. Numa ocasião, em um pequeno povoado sulista, vi-me forçado a usar o único telefone da localidade e a fazer uma involuntária reverência ao *Führer*. O proprietário alemão do estabelecimento tinha maquinado colocar o aparelho de tal forma, que éramos obrigados a ficar com o braço no alto diante de um retrato de Hitler com o braço levantado. (NERUDA, 2000, p. 164).

As afirmações de Neruda ilustram o cruzamento entre o simbólico, o imaginário e o real, numa época em que o inimigo

era terrível, “ao mesmo tempo concreto e oculto; encarnado por Hitler e, contudo, onipresente nos países burgueses, e até na União Soviética.” (FURET, 1995, p. 335-336). As afirmações do poeta têm sentido se considerarmos, de um lado, a influência das idéias fascistas na América Latina, e, de outro, o forte impacto da Guerra Civil Espanhola na vida do poeta. Por isso, ele via o fascismo como o principal inimigo, como um fenômeno que poderia incidir gravemente na realidade latino-americana. Neruda estava convencido de que era preciso e inevitável lutar contra o fascismo, um mal absoluto, seja na América ou na Europa. Uma lição que aprendera na guerra da Espanha.

O trecho citado anteriormente é parte do discurso lido por Neruda na Casa do Povo, em Temuco, no ano de 1938, intitulado “Fuera de Chile los enemigos de la patria.” Os inimigos eram os alemães nazistas. No discurso, o poeta reforçava o seu engajamento na luta antifascista e condenava “os grupos aristocráticos de Santiago” que se reuniam no Clube Alemão de Temuco para comemorar o dia da Alemanha e fazer propaganda nazista. Para Neruda, a cidade de Temuco – onde vivera sua infância e parte de sua adolescência – deveria se converter no centro de uma campanha anti-nazista e anti-alemã e, com exceção dos imigrantes “alemães pacíficos” (sem intenções imperialistas e políticas sobre o Chile), os outros imigrantes de origem germânica, considerados “inimigos da pátria” e “agentes de Hitler”, deveriam ser vigiados ou convidados a se retirar do Chile, pois “insolentemente passavam ante os nossos narizes com os emblemas das suásticas assassinas.” Acreditando haver uma conspiração nazi no Chile, Neruda também acusou o *Diário Austral*, de Temuco, de *traidor da pátria* e de fazer propaganda do nazismo. O poeta chegou a essa conclusão depois que o diário publicou em suas páginas a referida homenagem à Alemanha (NERUDA, 1999).

Neruda foi um entre vários intelectuais que entraram na política no curso da luta antifascista. A campanha do poeta à causa não ficou limitada à escrita de poesias sobre a Guerra Civil Espanhola, em que condenava o fascismo e o General Franco. Em Paris (1937), Neruda editou, junto com a escritora inglesa

Nancy Cunard, a revista *Los poetas del mundo defenden al pueblo espanhol*¹¹; com César Vallejo, organizou uma conferência sobre García Lorca e fundou o Grupo Hispano-Americano de Ajuda à Espanha; organizou o Congresso de Escritores Antifascistas, realizado em Madri, do qual participaram escritores de várias partes do mundo. Reuniram-se em Paris, e da capital francesa partiram para Madri: “Nunca saiu de Paris um trem tão cheio de escritores como aquele. Pelos corredores nos reconhecíamos ou nos desconhecíamos [...]. Para muitos, a Espanha era o enigma e a revelação daquela época da História.” (NERUDA, 2000, p. 401).

Em outubro desse mesmo ano, Neruda retornou ao Chile com a intenção de colocar em prática quatro projetos: ampliar e intensificar no país a luta contra o fascismo, fundar a Aliança de Intelectuais do Chile, escrever um livro sobre seu país que se chamaria *Canto general de Chile* e, por fim, participar da campanha do candidato à presidência Pedro Aguirre Cerda. O contato com a Espanha fez o poeta voltar seus olhos para as questões político-sociais de seu país. Por isso, a idéia de escrever o livro *Canto general de Chile*. Foi um projeto que tomou um outro caminho, pois o que seria um livro dedicado ao seu país tornou-se em 1950 um grande poema dedicado à América Latina: *Canto general*. Os outros três projetos, como veremos, estavam intimamente ligados, um completava o outro.

Se, por um lado, a União Soviética postulava o papel de vanguarda na luta contra o fascismo na Europa, Neruda, por sua vez, postulava-se o papel de vanguarda contra o fascismo na América Latina. O poeta foi eleito presidente da Aliança dos Intelectuais do Chile para a Defesa da Cultura, que agrupava intelectuais de todas as disciplinas da arte e do saber¹², e representava diversas tendências estéticas e concepções políticas, salvo as fascistas e as

¹¹ A revista, impressa na gráfica da escritora, localizada em sua casa de campo em uma província francesa, publicava poemas antifascistas e antifranquistas.

¹² Na Aliança, atuavam centenas de intelectuais, dentre eles, Angel Cruchaga, Antonio Quintana, Carlos Vicuña Fuentes, Rubén Azacor etc.

reacionárias. Sua principal bandeira era a propaganda antifascista e a defesa da “cultura ameaçada”:

Regressei ao Chile para criar um movimento de intelectuais, de escritores; de profissionais, de artistas que militem, lutem, sofram e vivam pelo povo. Posso dizer com orgulho que tenho triunfado. Deveis conhecer nosso nome: somos a Aliança dos Intelectuais do Chile para a Defesa da Cultura. Porque a cultura está ameaçada, assim como o povo está ameaçado pela reação militante dos fascistas [...]. A cultura, os livros, o ensino, tudo isso, como a vida dos trabalhadores, eu vi sendo destruído na Europa fascista e cavernária. (NERUDA, 1999, p. 401).

Na citação acima, Neruda também defende “o povo”, uma característica da poesia imediata e posterior à Guerra Civil Espanhola – tanto para a Península como para as vanguardas hispano-americanas – que acentuou a referência histórica e comprometeu-se com as causas sociais (GEIROLA, 1995, p. 47).

Além de atuar como presidente da Aliança, Neruda também foi editor da revista *Aurora do Chile*, na qual toda a artilharia era disparada contra os nazistas. Nesse periódico, o poeta publicou, em fins de 1938, artigos importantes como “Don Pedro”, no qual fez uma contribuição para a campanha presidencial do candidato da Frente Popular, Pedro Aguirre Cerda.¹³ O pensamento de Neruda comungava com o lema da campanha da Frente Popular: *contra la reacción y el fascismo*. Para Neruda, a criação da Frente Popular chilena e a vitória do seu candidato significava a vitória contra as forças fascistas no seu país, e até mesmo fora dele. Pedro Aguirre Cerda triunfou nas eleições presidenciais e, em 1939, Neruda recebeu do presidente chileno a missão de via-

¹³ A Frente Popular era integrada pelos partidos Radical, Socialista e Comunista. De acordo com Alberto Aggio, “ao lado da França e da Espanha, o Chile foi, na década de 1930, o único país latino-americano a conhecer a vitória eleitoral e o estabelecimento de um governo baseado na política de Frente Popular adotada pelo movimento comunista internacional a partir de agosto de 1935”. (AGGIO, 1998, p. 665).

jar a Paris para organizar a imigração de cidadãos espanhóis ao Chile. Para o poeta, essa missão veio a ser uma espécie de ação complementar, uma continuação do mesmo impulso que o levou a redigir *España en el corazón*.

Com o fim da Guerra Civil Espanhola e a derrota das forças republicanas, em 1939, ocorreu um acelerado êxodo de cidadãos espanhóis em busca de exílio na França. Contudo, o governo socialista de León Blum, pressionado pela direita e pelo Comitê de Não Intervenção, mandou muitos refugiados espanhóis para a prisão. A missão do poeta era reunir um grande número desses espanhóis e mandá-los para o Chile. Para a realização desse trabalho, Neruda contou com a ajuda do governo republicano no exílio, que lhe conseguiu um barco, o *Winnipeg*, para que fosse realizada a viagem dos refugiados até o Chile. O poeta embarcou mais de dois mil espanhóis refugiados, que a bordo do *Winnipeg* chegaram a Valparaíso em fins de 1939. Nesse mesmo ano, o governo russo assinou o pacto germano-soviético e abandonou a linha antifascista. O episódio não abalou a convicção de Neruda, pois o poeta estava convencido que a URSS era a força maior e necessária para continuar a combater o fascismo. E como tantos outros intelectuais Neruda não acreditava no “terror soviético”: o grande lutador antifascista não exterminava “dezenas de velhos revolucionários”.

Se, por um lado, a União Soviética abandonou a linha antifascista durante o período de 1939-1941, Neruda continuou na batalha, exercendo sua militância literária antifascista: “[...] a guerra se aproximava, como outros escritores nos pusemos a combater o fascismo à nossa maneira: com nossos livros que exortam com urgência a se reconhecer o grave perigo.” (NERUDA, 1999, p. 432). A guerra mundial estava próxima e Neruda redigia poemas, discursos, homenagens, nos quais encaixava a temática antifascista. São exemplos os poemas dedicados aos poetas espanhóis Miguel Hernández, Rafael Alberti, Vicente Aleixandre. Podemos dizer que no período que precedeu a Segunda Guerra Mundial e principalmente durante a guerra, Neruda estava viven-

do à sombra da Guerra Civil Espanhola. Em seus escritos, o poeta estava sempre recorrendo à tragédia espanhola para compará-la a alguns acontecimentos da Guerra Mundial, e mostrar que o inimigo deveria ser detido para evitar que a experiência se repetisse em outros países. Na concepção de Neruda, quem deveria conduzir essa luta seria a URSS.

Como já dissemos, foi durante a guerra civil na Espanha que Neruda se tornou um intelectual de matriz antifascista e se aproximou do comunismo. Mostraremos agora como os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial aprofundavam a sua convicção política. Nesse período, Neruda desenvolveu uma relação de idílio com a União Soviética, que não seria abalada nem mesmo depois do XX Congresso do Partido Comunista, no qual Kruchev divulgou os crimes de Stalin para o mundo. Não que Neruda aprovasse o terror stalinista ou o desconhecesse completamente¹⁴, mas porque ele estava envolto no que Michel Winock chama de a “ilusão comunista”:

[...] a adesão dos intelectuais é pura fé. Mesmo quando lhes são mostradas as provas da automistificação, muitos se recusarão a vê-las. O materialismo dos fatos deve ser submetido à verdade transcendental do comunismo.

Muitos acharam que essa verdade era necessária à luta contra o perigo demoníaco do nacional-socialismo, que triunfa na Alemanha, em 1933. De fato, a ilusão comunista em que tantos escritores, artistas e eruditos acreditaram teve seu primeiro apogeu sob a ameaça que Hitler fazia pesar sobre o mundo. Com o passar dos anos, a própria fraqueza das democracias ante as agressões do nazismo favoreceu o comunismo, último baluarte contra a ‘besta imunda’. As mentes politizadas podiam conceber uma aliança com a URSS sem sucumbir à mitologia stalinista. Uma medida de puro realismo político. Mas as cabeças políticas são mais raras que os corações sensíveis, sobretudo entre os literatos. (WINOCK, 2000, p. 295-296).

¹⁴ Essa questão será discutida mais adiante. E, desde já, deixaremos bem claro que nossa intenção não é justificar a opção política de Neruda a favor do stalinismo.

O intelectual comunista e as suas relações com a “pátria do comunismo”

Se o segredo dos comportamentos é peculiar a cada protagonista, trataremos agora de desvendar o envolvimento de Neruda – um intelectual de “coração sensível” que sucumbiu à mitologia stalinista – com a URSS e, conseqüentemente, com o comunismo (WINOCK, 2000, p. 296).

O episódio de Stalingrado em 1943 e a vitória final em 1945 apagaram o período do pacto germânico-soviético da memória de muitos e expulsou as más recordações dos militantes. A “pátria comunista” emergiu da Segunda Guerra com todo o prestígio. A idéia comunista estava vivendo seu apogeu: triunfante ao mesmo tempo nos fatos e nos espíritos (FURET, 1995). No caso de Neruda, esse “esquecimento” foi visível, não há uma única linha sobre o pacto germano-soviético em sua obra ou em suas memórias. O poeta acreditava que, graças à URSS, o “império nazi” havia sido destruído, e foi além ao afirmar que os soviéticos garantiram não só a liberdade dos países europeus como dos países latino-americanos, pois se a União Soviética “não tivesse dado seu sangue, sua inteligência, sua coragem desesperada e sua firmeza inesgotável para terminar com o império nazi, a independência dos países latino-americanos seria neste momento um sonho do passado.” (NERUDA, 1999, p. 58).

Durante a Segunda Guerra, Neruda produziu textos explicitamente engajados. Em 1941, os alemães sitiaram Leningrado e adentraram no território soviético. Embora a ação do Exército Alemão tivesse sido bem sucedida no início, posteriormente encontrou uma forte resistência por parte do Exército Vermelho. Esse episódio rendeu o texto “Miro a las puertas de Leningrado como miré a las puertas de Madrid”:

Eu vejo as portas de Leningrado como vi as portas de Madri, o depósito de sangue de onde pode sair a nova salvação terrestre, e angustiado até o fundo com tantas dores da humanidade e iluminado pelas

esperanças que nascem do sangue da grande nação patriótica e heróica defendida dos bárbaros invasores por milhões de corações vermelhos. (NERUDA, 1999, p. 476-477).

Esse texto ilustra bem o que chamamos anteriormente de viver à sombra da Guerra Civil Espanhola. Nele, Neruda comparou a guerra da Espanha – talvez inspirado nas bombas incendiárias lançadas pela aviação alemã em Guernica em 1937 – com a invasão do exército alemão em Leningrado, como se esse acontecimento fosse, até certo ponto, um prolongamento da guerra espanhola e da luta antifascista encabeçada pela URSS, que continuava com a sua missão de salvar o mundo do perigo alemão. A interpretação de Neruda sobre os episódios da Segunda Guerra era essencialmente maniqueísta: de um lado estava o inimigo, representado pelos nazistas; de outro estava a URSS, a força amiga que iria derrotar a “besta imunda”. Aliás, uma interpretação adotada pelo poeta desde a guerra da Espanha.

O poema “7 de noviembre. Oda a un día de victorias” – uma continuação do mesmo impulso que o levou a redigir o texto “Miro a las puertas de Leningrado como miré a las puertas de Madrid” – foi inspirado na resistência soviética em Leningrado e também na comemoração do 24º aniversário da Revolução de 1917, ambos festejados na URSS, em 7 de novembro de 1941. E exaltados no poema de Neruda:

Y vas allí con nuestro
recuerdo insumergido:
tú fuiste el día, tú eres
la lucha, tú sostienes
la columna invisible, el la
de donde va a nacer, con tu número, el vuelo!
[...]
En ti, otra vez, Unión, en ti, otra vez, hermana de los pueblos del mundo,
patria pura y soviética, vuelve a ti tu semilla
grande como un follaje derramado en la tierra! (NERUDA, 1999, p. 401)

Quanto mais os soviéticos lutavam contra os alemães e resistiam a eles, o prestígio da URSS aumentava diante de Neruda. Em 1942, o exército alemão, comandado pelo general Von Pulus, invade Stalingrado. A épica resistência dos soviéticos e a capitulação do exército nazista em 1943 suscitaram dois célebres poemas nerudianos: “Canto a Stalingrado” e “Nuevo canto de amor a Stalingrado”. O primeiro foi lido publicamente e afixado nas ruas da Cidade do México, o que provocou diversas reações por parte daqueles que, como o diário *Novedades*, achavam que as ruas não eram lugares para poesia, menos ainda para poesia política. Para os poetas cultivadores da “poesia pura”, o poema era uma profanação da poesia. Em resposta a essas provocações e em homenagem à vitória soviética, Neruda redigiu “Nuevo canto de amor a Stalingrado”:

Yo pongo el alma mía donde quiero.
Y no me nutro de papel cansado,
adobado de tinta y de tintero.
Nací para cantar a Stalingrado.
Mi voz estuvo con tus grandes muertos
contra tus propios muros machacados,
mi voz sonó como campana y viento
mirándote morir, Stalingrado. (NERUDA, 1999, p. 396).

Depois da vitória russa em Stalingrado, o fervor de Neruda pela causa aliada, ou melhor, soviética, alcançou seu ponto mais alto. O jornal *El Siglo* publicou um artigo seu, no qual afirmou: “[...] toda criação que não está a serviço da liberdade nestes dias de ameaça total, é uma traição. Todo livro deve ser uma bala contra o Eixo: toda pintura deve ser propaganda, toda obra científica deve ser um instrumento e arma para a vitória.” (RODRÍGUEZ, 1977, p. 143). Essa citação expressa bem a postura do poeta com relação à arte e à política no momento da Segunda Guerra Mundial. Essa concepção de arte a serviço de uma causa não foi assumida somente no período de guerra, continuou presente em grande parte de seus livros. Podemos citar, entre eles, *Canto general* (1950), *Las uvas y el viento* (1954) e *Canción de gesta* (1960).

Essa postura diante da arte apareceu também no prólogo, escrito por Neruda, para o livro do escritor russo Ilya Ehrenburg, *Muerte al invasor*, publicado no México pela Fondo de Cultura Popular (1943). Segundo Neruda, o livro prestava-se ao papel de ser uma arma de combate, uma “bala contra o Eixo”. O poeta escreveu no prólogo: “quem nessa hora não for um combatente será um covarde.” Como de costume, fez uma defesa da URSS; e, pela primeira vez, escreveu sobre a importância e o papel do Partido Comunista. A ele dedicou as seguintes palavras: o “Partido Comunista, único partido do Homem.” (NERUDA, 1999, p. 487).

Um outro texto redigido por Neruda nesse período, importante para analisar suas relações com a cultura política comunista, é “Sobre ‘Teherán’ de Browder”, escrito em fins de 1944, no qual o poeta interpreta a eminente derrota do fascismo na Europa – resultado da aliança entre os EUA e a URSS – como o prelúdio de uma cordial convivência entre capitalismo e socialismo. Neruda faz um entusiasmado comentário sobre o livro *Teheran* de Earl Browder, secretário geral do Partido Comunista dos Estados Unidos:

Ler a Browder é inteirar-se com clareza das coisas. É entender o que há nelas e por detrás delas. Poucos ou nenhum escritor político possui como Browder a ciência de esquadrihar os feitos e ordená-los em grandes sínteses. [...] Porque Browder nos ilumina com sua própria luz dialética, com seu poderoso foco de penetrante marxismo, todo o campo universal a que deu entrada em Teerã, o acordo dos três grandes para terminar a guerra em comum e forjar entre todos a marca coletiva da paz que se aproxima. (NERUDA, 1999, p. 537-540).

O título do livro de Browder fazia alusão à conferência dos três grandes (Churchill, Roosevelt e Stalin) na cidade de Teerã em fins de novembro de 1943. Browder acreditava na coexistência pacífica e colaboracionista entre os EUA e a URSS no período pós-guerra, ou seja, em longo prazo (SPRIANO, 1987). Neruda elogiou e endossou as idéias de Browder no artigo acima citado, publicado na revista oficial do Partido Comunista do Chile, no início de 1945. Esse foi um dos poucos textos que Neruda não queria ter

publicado. A partir da Conferência de Ialta (1945), começavam os primeiros vestígios de que o “espírito de Teerã” não iria se prolongar por muito tempo, desembocando finalmente na Guerra Fria e na criação do Kominform. Neruda passou o resto dos seus dias sem cruzar a linha ideológica que separou o mundo em dois blocos antagônicos. Muitos de seus poemas e discursos se tornaram uma arma de combate, nos quais enaltecia o mundo socialista e condenava o capitalismo e o imperialismo yanque.

Em fins de 1944, quando o exército russo penetrou em território alemão, mais precisamente na Prússia Oriental, Neruda redigiu, em homenagem ao feito bélico dos russos, um poema intitulado “Canto al Ejército Rojo a su llegada a las puertas de Prusia”, o último poema nerudiano a exaltar a “épica” atuação da URSS durante a Segunda Guerra Mundial. Quase um ano depois do Exército Vermelho chegar às portas da Prússia, os alemães perderam Berlim, solicitaram o armistício e, conforme exigência dos aliados, assinaram a rendição total.

No período próximo ao fim da guerra, Neruda estava envolvido com a política de seu país. Abandonou a carreira diplomática e aceitou a proposta do Partido Comunista chileno para candidatar-se ao Senado, ao lado de Elias Lafferte (dirigente do PCC), pelas províncias de Taparacá e Antofagasta. No entanto, o poeta ainda não havia se filiado ao Partido e, como gostava de afirmar, ainda não era um militante comunista. Segundo ele, isso somente aconteceu quando ingressou no PC chileno em 1945.

Em 1940, Neruda concedeu uma entrevista ao diário *Qué Hubo* de Santiago, na qual negou a sua condição de militante comunista. O entrevistador perguntou diretamente ao poeta: “Dizem frequentemente que você é militante comunista, qual é a verdade?” Neruda respondeu que tais afirmações eram tendenciosas e que ele não militava em nenhum partido político. Para Neruda, seria um orgulho militar no “grande partido chileno”, porém ele não se encontrava à altura da disciplina, devoção, maturidade e sacrifícios que tinha alcançado a imensa maioria dos militantes do PC chileno. Neruda encerrou sua resposta dizendo que pertencia a um partido novo do Chile que se chamava

“frentismo”, leia-se Frente Popular, e que ele era de família de radicais, tinha simpatias pelos comunistas, e o Partido Socialista lhe parecia grandioso (NERUDA, 1999).

Neruda defendia fervorosamente a Frente Popular adotada no seu país, desde 1938. Na sua visão, ela significava a vitória contra as forças fascistas e era uma estratégia do movimento comunista internacional. Ele já não era apenas um militante de matriz antifascista, havia se tornado há muito um intelectual comunista. Resta-nos analisar porque Neruda irá assumir-se como comunista, somente em 1945, depois de terminada a guerra.

Como já dissemos, a adesão de Neruda à causa comunista ocorreu durante a Guerra Civil Espanhola. Contudo, durante a Segunda Guerra, ou melhor, na medida em que os aliados venciam o Eixo, mais prestígio tinha a URSS para Neruda e mais fascínio exercia o comunismo sobre ele. Depois da vitória em 1945, a impressão de poder que o comunismo transmitia pesava muito. Assim, aderir ao comunismo “[...] significava uma opção de pertencer a um conjunto geopolítico destinado a crescer, que tinha como líder a URSS.” Para muitos como Neruda o comunismo era o futuro. Os intelectuais “filiavam-se a ele na euforia da vitória ou apenas para garantir um lugar.” A capacidade de sedução do comunismo levou intelectuais de renome a se inscreverem no Partido (WINOCK, 2000, p. 537). Isso explica, em parte, porque Neruda, em 1945, assumiu e reforçou a sua condição de militante ao filiar-se ao Partido Comunista do Chile.

Podemos afirmar também que Neruda negou sua condição de comunista em várias ocasiões, mesmo durante os anos de intensa militância, porque temia ser visto e rotulado em sua exclusiva condição de militante. Contudo, ele sabia muito bem como conjugar a missão do poeta com a missão do militante:

Talvez os deveres do poeta fossem os mesmos na história. O valor da poesia foi sair à rua, foi tomar parte num e noutro combate. Não se assustou o poeta quando o chamaram de rebelde. A poesia é uma insurreição. Não se ofendeu o poeta quando o chamaram de subversivo. A vida ultrapassa as estruturas e há novos códigos para

a alma. De todas as partes salta a semente, todas as idéias são exóticas, esperamos a cada dia mudanças imensas, vivemos com entusiasmo a mutação da ordem humana: a primavera é insurrecional. (NERUDA, 2000, p. 338).

Depois de eleito senador e ingressar no Partido Comunista chileno, Neruda passou a exercer sua militância política nos anos mais duros da Guerra Fria, incluindo sua cassação como senador, sua passagem à clandestinidade e seu exílio. Em 1949, depois de sua viagem pela URSS, Neruda esteve no México para participar do Congresso Latino-americano dos Partidários da Paz, e ali pronunciou um discurso no qual aderiu ao realismo socialista. De acordo com Vittorio Strada, o realismo socialista não foi apenas um capítulo da história dos intelectuais soviéticos, mas também dos europeus (STRADA, 1987). Podemos afirmar que foi ainda um capítulo da história dos intelectuais latino-americanos de esquerda, como Neruda. No referido discurso, ele afirmava que a URSS, depois da guerra, não estava somente reconstruindo as suas cidades, suas fábricas, seu bem-estar coletivo, as suas figuras criadoras, mas levando a todo o seu território, a todo o seu povo, a cultura, a paz e a poesia. Não qualquer poesia, mas a *bandeira de Pushkin*, poeta *central do povo*. Neruda declarou, ainda nesse discurso, a sua decisão de não incluir os poemas de *Residencia en la tierra* (1933) em uma antologia húngara, pois os seus versos não se enquadravam na realidade daquele país, onde a juventude, entre os escombros, levantava o “destruído pedestal da paz.” As páginas de *Residencia* haviam envelhecido, levavam em si as amarguras de uma época morta: “nenhuma delas me pareceu digna de sair de novo. Nenhuma daquelas páginas levava em si o metal necessário para as reconstruções, nenhum de meus cantos traria a saúde e o pão que necessitava o homem ali.” (NERUDA, 1999, p. 762-763).

Neruda renunciava a *Residencia* por se tratar de um livro marcado pelo abstracionismo e pelo subjetivismo, escrito numa época em que o poeta era um adepto da “arte pela arte”. Renunciando aos versos residenciários, Neruda estava optando por um

caminho que, no momento, ele achava politicamente correto: o realismo socialista nas artes. A arte realista tem como dever refletir sobre as atitudes e as aspirações do proletariado, e mostrar a luta que se travava entre o bem (o socialismo) e o mal (o capitalismo).

Por isso que, além de renunciar a *Residencia*, Neruda também condenou os intelectuais que não compartilhavam da sua convicção política. Se não estavam com o socialismo, estavam a favor do capitalismo, e contribuindo para sustentá-lo. Para o poeta, havia uma “paralisia intelectual” na América Latina, pois “nos últimos anos os ‘snobs’ (a burguesia) estavam se apoderando de Kafka, de Rilke, enfim de todos os labirintos que não têm saída, de todas as metafísicas que têm caído como canhões vazios,” sem sentido real. Muitos dos intelectuais latino-americanos, segundo Neruda, estavam deixando de lado “os grandes humanistas de nossa época:” Gorki, Romain Rolland, Barbuse, Eherenburg e Dreiser. Como também os literatos militantes do Partido Comunista Francês, Louis Aragon e Paul Éluard (NERUDA, 1999, p. 765-766).

Neruda concluiu que nem tudo estava perdido com relação à arte latino-americana, pois havia dois fenômenos de “extraordinária importância” que desenvolveram “uma preocupação suprema com a vida e as condições de nossos povos.” Na literatura, Neruda destacou o romance, que trazia em suas páginas um conteúdo “enraizado na profundidade de nossos povos, mostrando o caminho da libertação.” Citou como exemplo os escritores Jorge Amado, José Mancisidor e Rómulo Gallegos. Em contrapartida, Neruda citou outros grandes escritores igualmente enraizados, como Graciliano Ramos, Jorge Icaza, Miguel Ángel Asturias, Reynaldo Lomboy, que insistiam em “destacar a tenebrosa selva de nossa América negra,” mas que não mostravam *a saída e a luz*. Na pintura, o poeta destacou o muralismo mexicano, que “cumpriu vitoriosamente os mandatos da verdade e da história.” (NERUDA, 1999, p. 766).

Logo após o regresso do exílio, em 1952, Neruda concedeu uma entrevista a Enrique Bello – amigo pessoal do poeta e editor

da revista chilena *Pro Arte* – na qual, a pedido do entrevistador, sintetizou a idéia do realismo socialista na arte. A resposta de Neruda demonstrou que ele estava vivendo a fase mais radical de seu compromisso político:

Sobrepassando todos os cânones antigos, o realismo socialista mostra a transformação do homem no período de nascimento de uma nova sociedade. O realismo socialista não se reduz a retratar o homem e a paisagem, mas contribui para a formação e a construção do porvir. Desta maneira, a arte de nossa época chega a cumprir um papel fundamental, como uma matéria tão necessária quanto o desejo de comer e o ladrilho das novas construções. O livro e a pintura devem assinalar a proximidade e a fecundidade da época socialista que vem, e devem mostrar os fundamentos humanos, sociais e naturais da esperança contemporânea. Dessa forma, o escritor se converte em criador da história, assumindo, pela primeira vez, um papel direto na construção de uma época.¹⁵ (NERUDA, 1999, p. 1084-1093).

Para Neruda, o escritor deveria contribuir para uma representação verídica e historicamente concreta da realidade em seu desenvolvimento revolucionário. E contribuir também para a transformação ideológica e para a educação do homem, dentro do espírito do socialismo. Como preconizava Jdanov, desde o congresso dos Escritores Soviéticos em 1934. Na mesma entrevista, Neruda denunciou os escritores que não aceitaram a doutrina do realismo socialista como norma estética. Segundo ele, a maioria dos escritores americanos adotaram dois tipos de relato, principalmente nos romances: o “naturalismo satisfeito”, que em geral era a visão dos latifundiários, projetada nos ambientes populares do campo americano; e o “realismo pessimista”, que apresentava a incursão da burguesia das cidades para deformar a alma e o conteúdo da literatura. Além disso, os escritores latino-americanos recebiam a influência das camadas retrógradas das sociedades em que viviam, que, por sua vez, pediam aos escritores um mundo

¹⁵ A entrevista foi publicada na revista *Pro Arte*, n. 160, Santiago, 28 nov. 1952.

sombrio e sangrento para mostrar que o homem não tinha saída nem solução, ou seja, não mostravam em seus escritos o caminho revolucionário (NERUDA, 1999).

Além das influências das camadas retrogradadas, na visão de Neruda, os romancistas ainda sofriam influência de escritores como “Faulkner, cheio de perversidade,” ou de poetas como “Eliot, falso místico reacionário que dispunha de uma glória particular para enaltecer a nobreza britânica.” O poeta denunciou também algumas revistas literárias da América Latina, em particular a revista argentina *Sur*, que possuíam somente preocupações cosmopolitas, pois não deixavam de publicar em seus números estudos dedicados ao “ideólogo nazi Heidegger, ao destrutivo Sartre”; ou então, números inteiros dedicados a consagrar “escritores dissimulados e colonialistas como Lawrence de Arábia.”¹⁶ Neruda tinha uma explicação para a situação literária exposta acima: era o reflexo do cosmopolitismo e da desnacionalização dos dirigentes da sociedade daquele tempo, que se alhearam dos problemas nacionais e da luta do povo (NERUDA, 1999).

Ao citar Sartre, Neruda criticava também o existencialismo, pois tratava-se de uma corrente filosófica que defendia e ressaltava o papel determinante da existência, da liberdade e da opção individual, portanto contrária aos ideais coletivistas dos comunistas. Não aceitar as idéias de Sartre sobre o existencialismo não era comportamento exclusivo de Neruda, mas comum entre os comunistas que o consideravam na época uma *persona non grata*. Em 1953, quando

¹⁶ A réplica da revista *Sur* – que havia publicado artigos sobre Heidegger e Sartre – aos comentários de Neruda ocorreu em princípios de 1953. A revista pontualizava: 1. O interesse da revista por Heidegger e por Sartre se justificava pela importância de suas posições filosóficas, o que não significava uma adesão a elas. As atitudes da revista eram imparciais, interessando-se por publicar manifestações variadas da cultura. Acolheu Heidegger como acolheu Neruda, publicava artigos sobre o filósofo como publicava artigos sobre Neruda. 2. A *Sur* havia lutado sempre contra os nazis e os anti-semitas. 3. Que a *Sur* tampouco havia publicado números inteiros dedicados a T. E. Lawrence, não por falta de interesse, mas por falta de materiais inéditos. Ver RODRÍGUEZ MONEGAL, Emir. *El viajero inmóvil*, p. 178-180.

Sartre estabeleceu uma aliança com os comunistas franceses e com a URSS, Neruda mudou de opinião sobre ele. O intelectual destrutivo, “mestre da cultura ocidental”, passou a ser amigo, “poderosa personalidade” e “homem combatente.”

O poeta era contrário às influências, na literatura latino-americana, daqueles que não professassem o realismo socialista e não fossem defensores da URSS. A opção política de Neruda o levou a declarações polêmicas e radicais. Nesse período, ele acreditava que o realismo socialista era a única forma de expressão da arte. A função da literatura era específica e doutrinária: transcrever somente o mundo do proletariado e despertar nele o espírito revolucionário. Uma concepção de arte que comungava com a “encíclica” do Comitê Central do Partido Comunista soviético.

Sucumbido à *mitologia stalinista*, Neruda percebia o realismo socialista apenas como um ideal de libertação e não avaliava a outra face: o *Partido-Estado soviético*, para garantir a adesão de artistas, intelectuais e escritores ao realismo socialista, estabelecia a censura aberta e o terror. Como sugere Vittorio Strada, a face boa do futuro escondia ou mascarava a terrível face do presente. Criava-se assim

[...] um extraordinário sistema de mentira, uma verdadeira educação para a falsidade, que não se limita naturalmente apenas à literatura, mas se espalha por todas as esferas culturais e se afirma, de modo mais poderoso do que em qualquer outra parte, na historiografia, bem como na imprensa cotidiana. (STRADA, 1987, p. 159).

Para Neruda, a União Soviética estava vivendo uma etapa profunda da paz. Uma das inúmeras provas dessa extensa paz era a outorga do Prêmio Stalin – do qual foi jurado e laureado – pois enaltecia as conquistas pacíficas do homem na ciência, nas artes e no trabalho (NERUDA, 1999). Neruda concebia a política cultural estabelecida na União Soviética como um instrumento de paz, de libertação e uma forma de tornar a arte acessível aos trabalhadores. E não como era de fato: “um dos muitos instrumentos de dominação ideológica do Partido-Estado soviético.” (STRADA, 1987, p. 157). O poeta acreditava, inclusive, que a cortina de ferro era

uma invenção norte-americana para ocultar e dissimular seus preparativos para a guerra (NERUDA, 1999).

Depois de abraçar o realismo socialista, Neruda procurou simplificar sua poesia para atender à demanda do seu novo público, ou melhor, torná-la acessível ao povo, aos trabalhadores. Os poemas deveriam conter realismo, ideal revolucionário e absoluta simplicidade. Para ilustrar essa nova fase poética, Neruda cita como exemplo o poema escrito em homenagem a Prestes e lido para milhares de pessoas no Pacaembu. Segundo Neruda, o poema foi entendido pelo imenso número de pessoas presentes no estádio: “funcionários públicos, artistas, trabalhadores do porto de Santos, camponeses negros das fazendas de café.” (NERUDA, 1999, p. 1098). Isso foi possível graças à linguagem simples, idealista e revolucionária expressa no poema “Dicho en Pacaembu”:

Cuántas cosas quisera decir hoy, brasileños,
cuántas historias, luchas, desengaños, victorias
Que he llevado por años en el corazón para decirlos,
pensamientos
y saludos. Saludos de las nieves andinas,
saludos del Océano Pacífico, palabras que me han dicho
al pasar los obreros, los mineros, los albañiles,
todos los pobladores de mi patria lejana. (NERUDA, 1999, p. 560).

A concepção estética expressa em “Dicho en Pacaembu” apareceu em muitos poemas posteriores. Um livro que ilustra o realismo socialista na poesia nerudiana, nesta fase de intenso engajamento político e sectarismo, é *Las uvas y el viento*, uma espécie de diário de viagem em versos, no qual Neruda narrou suas experiências durante o tempo em que ficou exilado de sua pátria, percorrendo parte da Europa e Ásia. São poemas de conteúdo geográfico e político, dedicados principalmente ao mundo socialista. É um dos livros mais polêmicos e criticados de Neruda.

Dentre os poemas que se referem com maior evidência aos países socialistas, podemos citar: “El viento en Ásia”, relato de sua experiência na China; “Conversación de Praga”, dedicado à

Tchecoslováquia; “Es ancho el Nuevo Mundo”, dedicado à União Soviética. De modo geral, podemos dizer que *Las uvas y el viento* constitui um livro integrador e interrogador do socialismo europeu e asiático. Mas, também, é um questionamento da Guerra Fria e uma crítica à ação política norte-americana, denunciando seus chefes civis e militares e censurando sua política internacional. Encontramos também alguns poemas que aludem aos governos ditatoriais na Europa: a Espanha franquista, em “El pastor perdido”; e a tirania salazarista em Portugal, no poema “Lâmpara marina”.

Deteremos nossa análise na seção VI, “Es ancho el Nuevo Mundo”, por se tratar de um poema dedicado à URSS. Para Neruda, o *Novo Mundo* era de tal forma glorioso, original e revolucionário que a sua grandiosidade não poderia ser demonstrada por completo por meio de sua poesia. Nessa seção, Neruda retratou o cenário soviético influenciado não apenas pelo que presenciou durante suas visitas, mas em grande medida pela imagem que já havia construído da URSS, desde os acontecimentos da Guerra Civil Espanhola, quando a “pátria comunista” se colocava na vanguarda da luta antifascista. As viagens de Neruda à União Soviética serviram para comprovar uma “verdade” que ele já conhecia de antemão: a gloriosa defensora da paz, o lugar dos grandes escritores e heróis, e por excelência dos grandes líderes políticos e revolucionários. Podemos citar novamente a frase cunhada por Winock “o materialismo dos fatos deve ser submetido à verdade transcendental do comunismo.” (WINOCK, 2000, p. 296).

Na introdução da seção VI, Neruda convida os leitores a caminhar pelas ruas e campos, a conhecer a “verdadeira” União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, por meio de seus versos. Era também um convite para que o leitor compartilhasse de sua convicção política. O caminho foi traçado pelo poeta: “Contigo por las calles” (introdução), “Cambia la historia”, “Transiberiano”, “Tercer canto de amor a Stalingrado”, “El ángel soviético” e “En su muerte”. O poema “Cambia la historia” exalta a natureza soviética e conta um pouco da história do país, mostrando o tempo de Pushkin e a mudança histórica com o advento da Revolução de Outubro e seus personagens: “Entonces en la historia vino

Lenin/ Cambió la tierra,/ Luego Stalin/ Cambió le hombre./ Luego la paz, la guerra, / La sangre, el trigo.” Em “Transiberiano”, Neruda narrou sua viagem pela planície siberiana. Para o poeta, a Sibéria, que durante o regime czarista era um lugar de prisioneiros e um planeta de esquecidos, transformara-se em um lugar da esperança e de homens livres, onde reinava a prosperidade: grandes cidades, grandes usinas, grandes cultivos. Em “Tercer canto de amor a Stalingrado”, Neruda converteu Stalingrado, por sua resistência na Segunda Guerra Mundial, em uma cidade heróica. Nestes versos, ela ressurgia de suas ruínas:

Stalingrado enseñó al mundo
la suprema lección de la vida:
nacer, nacer, nacer,
y nacía
muriendo,
disparaba
naciendo,
se iba de bruces y se levantaba
con un rayo en la mano.
Toda la noche se iba desangrando
y ya en la aurora
podía prestar sangre
a todas las ciudades de la tierra. (NERUDA, 1999, p. 994).

Em uma conferência realizada na cidade de Temuco em 1952, quando Neruda já havia retornado ao seu país, ele relatou sua permanência no mundo socialista, em especial na URSS. Ele estava antecipando, de forma embrionária, o que viria a ser *Las uvas y el viento*. Nessa conferência, Neruda mencionou novamente a questão da cortina de ferro: “a lenda da cortina de ferro nos assegura que desde Praga até Vladivostok há trevas desconhecidas. Pois bem, eu vi somente claridade, fiz uma viagem através da luz.” (NERUDA, 1999, p. 859). Uma luz que ofuscava seu olhar. Reconhecer a cortina de ferro seria colocar em dúvida a legitimidade revolucionária da União Soviética, o que Neruda nunca iria fazer, nem mesmo depois da divulgação dos crimes de Stalin.

O último poema da seção IV (“Es ancho el Nuevo Mundo”), do livro *Las uvas y el viento* é “En su muerte”, dedicado a Stalin, por ocasião de sua morte em 1953. Nele, Neruda enalteceu a figura de Stalin, motivo pelo qual muitos o censuraram:

Stalinianos. Llevemos este nombre con orgullo.
Stalinianos. Es ésta la jerarquía de nuestro tiempo!
Trabajadores, pescadores, músicos stalinianos!
Forjadores de acero, padres del cobre, stalinianos!
Médicos, calicheros, poetas stalinianos!
Latrados, estudiantes, campesinos stalinianos!
Obreros, empleados, mujeres stalinianas,
salud en este día! No há desaparecido la luz,
no ha desaparecido el fuego,
sino que se acrecienta
la luz, el pan, el fuego y la esperanza
del invencible tiempo staliniano!... (NERUDA, 1999, p. 1003).

Esses versos foram escritos pelo ex-senador comunista Pablo Neruda, pelo acusador de González Videla, pelo exilado de sua pátria, pelo militante nos anos mais duros da Guerra Fria e ganhador do Prêmio Stalin da Paz. Assim, o poeta escreveu o que sua consciência política ditou. O Partido Comunista do Chile também estava de luto e decidiu, entre outras coisas, iniciar uma campanha de recrutamento de militantes com o nome de “promoção Stalin”, em homenagem “ao sábio mestre.” (EDWARDS, 1993, p. 98).

O poeta Neruda não foi o único a render homenagens a Stalin, em decorrência de sua morte. Segundo Dênis de Moraes, a intelectualidade brasileira de esquerda também ficou consternada com o acontecimento. Para Jorge Amado, companheiro de Neruda e laureado com o Prêmio Stalin da Paz, em 1952, “Stalin nos ensinou a não se desesperar, a não temer, nos ensinou a beleza da luta e da vitória, nos elevou em nossa condição humana. Está dentro de nós, imortal.” (MORAES, 1994, p. 104-105).

No entanto, no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, em 1956, Nikita Khrushchev denunciou os crimes de Stalin, acontecimento que modificou a visão de Neruda e de vários outros intelectuais em relação ao líder soviético. Uma imagem distinta de Stalin e do que significou sua política veio à tona em *Memorial de Isla Negra*, de 1964. Está no tomo V, “Sonata crítica”, e se intitula “El episodio”. Nesse poema, o devoto stalinista de “Canto a Stalingrado” e *Las uvas y el viento* fez a sua autocrítica e condenou o culto à personalidade, impugnou a fria e distante efígie de Stalin e evocou os duros anos de terror stalinista, reconstruindo a imagem de uma nação rodeada pelo medo:

La criatura del terror esconde
el eclipse, la luna, el sol maldito
de su progenitura ensangrentada
y el Dios demente incuba los castigos:
un ejército pálido de larvas
corren con ciegos ojos y puñales
a ejercitar el odio y la agonía.
Y allí donde pasaron no quedó
ni libro, ni retrato, ni recuerdo:
hasta al niño sin voz le fue ordenado
nuevo nombre y escuela de suplicios. (NERUDA, 1999, p. 1303).

Mais tarde, em suas memórias, escreverá que já tinha tido a sua dose de culto à personalidade no caso de Stalin. Mas, naquele tempo, Stalin “[...] nos aparecia como o vencedor avassalador dos exércitos de Hitler, como o salvador do humanismo mundial. A degeneração de sua personalidade foi um processo misterioso, até agora enigmático.” (NERUDA, 1999, p. 239). Ter sido ou ser stalinista tornou-se um problema após a denúncia de Nikita Khrushchev. Neruda justificou-se:

Muitos têm me julgado um stalinista convicto. Fascistas e reacionários me têm pintado como um exegeta lírico de Stalin. Nada disto me irrita em especial. Todas as conclusões se tornam possíveis numa época diabolicamente confusa [...]. (NERUDA, 1999, p. 317).

Neruda assumiu uma posição revisionista em relação a Stalin, situação pela qual passaram, em grande medida, vários intelectuais de esquerda na América Latina:

[...] A tragédia íntima para nós, comunistas, foi nos darmos conta de que, em diversos aspectos do problema Stalin, o inimigo tinha razão. A esta revelação que sacudiu a alma, seguiu-se um doloroso estado de consciência. Alguns se sentiram enganados, aceitaram violentamente a razão do inimigo e passaram para suas fileiras. Outros pensaram que os espantosos fatos, revelados implacavelmente no XX Congresso, serviam para demonstrar a integridade de um Partido Comunista que sobrevivia, mostrando ao mundo a verdade histórica e aceitando sua própria responsabilidade.

Apesar dessa responsabilidade pesar sobre todos nós, o fato de denunciar aqueles crimes nos devolvia à autocrítica e à análise – elementos essenciais de nossa doutrina – e nos dava as armas para impedir que coisas tão horríveis pudessem se repetir [...]. (NERUDA, 1999, p. 317).

Se Neruda tinha conhecimento ou não dos crimes de Stalin antes de 1956, possivelmente nunca saberemos. Em nenhuma das fontes primárias pesquisadas e dos críticos e biógrafos consultados obtivemos confirmação segura. Mesmo Neruda tendo afirmado que – apesar de visitar a URSS inúmeras vezes – ele desconhecia o que se passava por lá, podemos suspeitar dessas informações. Talvez fosse possível ouvir rumores sobre os crimes, já que o poeta percorreu várias partes da URSS onde existiam campos de concentração (NERUDA, 1999), como a Sibéria, e, além disso, manteve por longos anos, até sua morte, uma amizade muito estreita com Iliá Ehrenburg, autor de *Degelo* (1954). Em *Confieso que he vivido*, Neruda afirmou que seu amigo russo o informava sobre muitas coisas – não relata quais – que se passavam na URSS, mas que ele se recusava a acreditar.

O biógrafo Jorge Edwards afirmou que, nas semanas posteriores à morte de Stalin (1953) – acontecimento que provocou inúmeros rumores e especulações em Moscou –, Eherenburg

captava tudo que se passava na URSS e se “encarregava de que tudo chegasse, sem papas na língua, aos ouvidos de seu amigo e camarada chileno” (EDWARDS, 1993, p. 40). Mais uma confirmação de que os assuntos da política soviética chegavam até Neruda via Eherenburg.

A revelação do relatório Khrushchev abalou a convicção política de inúmeros intelectuais. Alguns romperam definitivamente com o partido, como foi o caso de Jorge Amado, que deixou de militar no PCB ainda em 1956; outros abandonaram progressivamente a militância política. Contudo, Neruda não se encaixa nos dois caminhos citados acima. Apesar de fazer sua autocrítica com relação a Stalin, seu revisionismo estava dentro da ortodoxia do partido. Nos anos que se seguiram, Neruda continuou fiel à União Soviética e renovando constantemente sua adesão ao Partido Comunista do Chile.

Para alguns críticos, os acontecimentos de 1956 representaram, assim como a Guerra Civil Espanhola, uma mudança na poesia nerudiana, porém de uma forma inversa. A partir das revelações feitas no XX Congresso do Partido Comunista, Neruda teria rompido com o compromisso social e político e dado um novo rumo para seu fazer poético. Citam como parte dessa ruptura o *Tercer libro de las odes*, de fins de 1957; *Estravagario*, de meados de 1958 e *Navegaciones y regresos*, de 1959.¹⁷ Consideramos que essa ruptura nunca ocorreu na poesia nerudiana, não houve uma linha divisória entre a sua poesia e a política. O poeta abandonou o culto a Stalin, porém sem abandonar suas convicções políticas.

Mas a repercussão dos acontecimentos de 1956 na poesia nerudiana é perceptível: o poeta assumiu posições um pouco mais críticas no que se refere ao realismo socialista e ao sectarismo. Mas não rompeu com o compromisso social e político. Quanto ao realismo socialista, Neruda afirmou mais tarde:

¹⁷ Em 1958, Neruda trabalhou intensamente na segunda campanha presidencial de Salvador Allende, acompanhando o candidato em todo o território nacional. Inclusive alguns poemas de *Navegaciones y regresos* foram escritos nesse período.

A existência de um dogmatismo soviético nas artes durante longos períodos não pode ser negada, mas também deve ser dito que este dogmatismo foi sempre tomado como um defeito e combatido frontalmente. O culto da personalidade produziu, com os ensaios críticos de Jdanov, brilhante dogmatista, um enrijecimento grave no desenvolvimento da cultura soviética. Mas havia muita resposta em toda parte e já se sabe que a vida é mais forte e mais pertinaz que os preceitos. A revolução é a vida, e os preceitos buscam seu próprio túmulo. (NERUDA, 2000, p. 233).

Nem mesmo *Estravagario*, apontado por muitos críticos como o início de um novo ciclo, pode ser considerado um livro apolítico. É um momento de autocrítica, de desilusões, reflexões:

Ahora me dejen tranquilo.
Ahora se acostumbren sin mí.
Yo voy a cerrar los ojos.
Y sólo quiero cinco cosas,
Cinco raíces preferidas.
[...]
Dejé mis bienes terrenales
a mi Partido y a mi pueblo,
ahora se trata de otras cosas,
cosas tan oscuras y claras
que son sin embargo una sola.
así sucede con las uvas,
y sus dos poderosos hijos,
el vino blanco, el vino rojo,
toda la vida es roja y blanca,
toda claridad es oscura... (NERUDA, 1999, p. 629).

As cinco coisas preferidas a que se refere Neruda, nos versos acima, são o amor, o outono, o inverno, o verão e os olhos de uma mulher, ou seja, elementos que alimentam um poeta. Mas não nos iludamos, poderíamos acrescentar uma outra inspiração que não abandonará jamais a sua poesia: a política. Recordemos que o livro que sucedeu a *Estravagario*, em 1959, foi *Navegaciones y regresos*, no qual Neruda prestou

uma homenagem a Lenin: *Gracias, Lenin, por el aire y el pan y la esperanza* (NERUDA, 1999).¹⁸

Por meio desse poema, escrito em Moscou durante as comemorações do 40º aniversário da Revolução Soviética, Lenin é apresentado como o verdadeiro construtor da revolução, Stalingrado é substituída por Leningrado, assim como Stalin por Lenin. À volta a Lênio, palavra de ordem quase obrigatória na URSS depois de 1956, é um retorno a seu espírito revolucionário no interior do regime construído por Stalin (FURET, 1995, p. 527-528). Neruda buscou retificar sua própria retórica revolucionária de alguns anos atrás sem renegar sua adesão de fundo. Como já afirmamos, Neruda não se desencantou com a URSS e o comunismo depois da divulgação dos crimes de Stalin ou mesmo depois das intervenções armadas na Polônia, Hungria e Tchecoslováquia. Algumas delas receberam inclusive o apoio do poeta, como o caso da Hungria. Os elogios à “pátria do comunismo” continuaram presentes em seus discursos e poemas, como no discurso pronunciado, no estádio Nataniel de Santiago em 1966, por motivo do 49º aniversário da URSS, com o sugestivo título “Todos te devemos algo e muitos te devem tudo”, ou então no discurso proferido ao receber o prêmio Joliot-Curie em 1968, no qual, mais uma vez prevaleceu a imagem da União Soviética como a “gloriosa defensora da paz e da liberdade e um formidável semillero¹⁹ de heróis modestos e eminente.” Em contrapartida, condenou os Estados Unidos por “sua sangrenta ação no Vietnã.” (NERUDA, 1999, p. 109-138-139).

¹⁸ Lembremos que no prólogo, “Mis obligaciones”, e no epílogo, “Deberes de mañana”, de *Navegaciones y regresos*, Neruda reafirmou os “deveres” do poeta: levar a luz às trevas e fundar outra vez a esperança, para isso *Yo estoy limpiando mi campana/mi corazón, mis herramientas*. O poeta não mudara sua posição quanto aos deveres do poeta: a poesia é um ofício e uma insurreição. Escreverá em *Canción de gesta*, 1960: “assumo uma vez mais, e com orgulho, meus deveres de poeta de utilidade pública, quero dizer de puro poeta”.

¹⁹ Optamos por deixar a palavra *semillero* no original para não tirar o sentido empregado: origem e princípio de que nascem e algumas coisas se propagam.

Em uma entrevista, concedida à revista *Marcha*, de Montevideu, em 1971, quando o jornalista lhe perguntou sobre sua adesão à linha comunista soviética, Neruda disse que aderir a essa linha seria aderir à “consciência de um Novo Mundo que estava se formando”, assim como ocorreu com a Revolução Francesa e seu papel no mundo. Mas, segundo o poeta, não era uma linha e sim “um processo intelectual que o guiava, e o sinal de uma consciência revolucionária de uma época.” Em seguida, assinalou claramente o que representava para ele a URSS: “[...] foi o primeiro país que realizou uma revolução socialista. Pode haver muitas coisas que ela não tenha realizado. Porém, tal como a França que cometeu imensos erros, a URSS também assentou as bases de uma grande época política.” Termina a entrevista afirmando ainda que se mantinha fiel a esse país “que fez a revolução maior da história, [...] porque não posso me permitir o capricho de ter discrepância. Para mim, o fundamental, é a existência da União Soviética.” (NERUDA, 1999, p. 1201).

O livro intitulado *Elegía*, escrito meses antes de sua morte e publicado de forma póstuma, é inteiramente dedicado à extinta URSS. Constituiu-se um livro político, um balanço sobre seu envolvimento com a URSS e também uma última renovação de sua fé. Um dos poemas mais emblemáticos foi dedicado a Stalin. O poeta quis justificar o stalinismo de uma forma quase religiosa:

Luego, adentro de Stalin,
entraron a vivir Dios y el Demonio,
se instalaron en su alma.
Aquel sagaz , tranquilo georgiano
concedor del vino y muchas cosas,
aquel capitán claro de su pueblo
aceptó la mudanza:
llegó Dios con un oscuro espejo
y él retocó su imagen cada día
hasta que aquel cristal se adelgazó
la tierra se llenó con su castigos,
cada jardín tenía un ahorcado. (NERUDA, 1999, p. 774).

A justificativa responde a uma dualidade deus/demônio ou bem/mal, uma forma de tentar compreender o que nunca assimilaria completamente: a transformação do stalinismo que havia defendido. Outros poemas de *Elegía* foram dedicados a escritores comunistas e a amigos já falecidos, como o turco Nazim Himet, que viveu seus últimos anos na capital russa, e Ilya Ehrenburg, o seu incômodo amigo. É também um poema dedicado à paisagem urbana de Moscou, iluminada pela figura de Lênin. Aqui o poeta manteve o culto à personalidade, ainda que substituindo a figura de Stalin pela do “construtor da Revolução Russa”: Lênin (NERUDA, 1999, p. 763). Neruda publicou inúmeros poemas, os quais confirmam sua fidelidade à URSS. O poeta não deixou de opinar a respeito dos acontecimentos históricos e viver solidamente o engajamento político.

O tema central desse artigo é a trajetória política de Neruda. Por isso, ao analisarmos as obras do poeta, nos detivemos, principalmente, naquelas que são comprometidas politicamente. Mas o político é uma das facetas da sua obra. A poesia de Neruda é diversificada – o que a torna, em certo sentido, difícil de classificar –, pois varia de modalidades, temas, tendências. A poesia nerudiana incorpora também o lírico, o descritivo, o amor, o telúrico, o sensual. A sua criação poética possui diversos momentos: o romântico, o vanguardista, o surrealista, o realista social, o épico, o autobiográfico e o popular. A trajetória poética de Neruda produziu livros engajados como *España en el corazón*, *Las uvas y el viento*, *Canto general*, mas também “poesia pura”, como *Veinte poemas de amor y una canción desesperada*, *Residencia en la tierra*, *Los versos del capitán* e *Odes elementales*. A obra nerudiana – heterogênea tanto na forma quanto no conteúdo –, apesar da polêmica que suscita, possui uma riqueza poética que converteu Neruda em um dos poetas mais importantes de sua época.

REFERÊNCIAS

AGGIO, Alberto. “A Experiência da Frente Popular no Chile”. In: ALMEIDA, Jaime de (Org.) *Caminhos da História da América no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1997.

BEIRED, José Luís Bendicho. *Sob o signo da nova ordem: intelectuais autoritários no Brasil e Argentina*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BERSTEIN, Serge. "A cultura política". In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (Org.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

COURTOIS, Stéphane (Org). *O livro negro do comunismo*. Crimes, terror e repressão. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

COUTINHO, Eduardo F. "A busca de um discurso 'síntese' na narrativa contemporânea da América Latina". *Anais do 1º e 2º Simpósios de Literatura Comparada*. Belo Horizonte: UFMG, 1987.

EDWARDS, Jorge. *Adeus poeta – uma biografia de Pablo Neruda*. São Paulo: Siciliano, 1993.

FURET, François. *O passado de uma ilusão: ensaios sobre a idéia comunista no século XX*. São Paulo: Siciliano, 1995.

GEIROLA, Gustavo. "Confluencias y divergencias entre la poesía de vanguardia en latinoamérica y la poesía surgida de la Guerra Civil Española". In: *Revista Chilena de Literatura*, n. 47, 1995.

HOBBSAWM, Eric J. "Os Intelectuais e o antifascismo". In: SOCHOR, Lubomír et al. *História do Marxismo. O Marxismo na época da Terceira Internacional: problemas de cultura e da ideologia*. v. 9. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LAZAR, Marc. "Forte et fragile, immuable et changeante...La culture politique communiste". In: BERSTEIN, Serge (Org.). *Les cultures politiques en France*. Paris: éditions du Seuil, 1999.

MAGALHÃES, Marionilde Dias B. de. "Os Pangermanistas na Argentina, no Brasil e no Chile". In: DAYREL, Eliane Garcindo; IOKOI, Zilda M. Gricoli (Org.). *América Latina contemporânea: desafios e perspectivas*. v. 4. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: Edusp, 1996.

MORAES, Dênis de. *O imaginário vigiado: a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-53)*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1994.

PORTANTIERO, Juan Carlos. "Os socialismos e a América Latina". In: HOBBSAWM, Eric J. (Coord.). *História do marxismo. O marxismo hoje*. v. 11. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

NERUDA, Pablo. *Canto general. Obras completas*. Barcelona: Galáxia Gutenberg/Círculo de Lectores, 1999.

--_____. *Confesso que vivi*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

-_____. *Elegía. Obras completas*. Barcelona: Galáxia Gutenberg/Círculo de Lectores, v. III, 2000.

_____. *Estravagario. Obras completas*. Barcelona: Galáxia Gutenberg/Círculo de Lectores, v. II, 1999.

_____. *Las uvas y el viento. Obras completas*. Barcelona: Galáxia Gutenberg/Círculo de Lectores, v. I, 1999.

_____. *Memorial de Isla Negra. Obras completas*. Barcelona: Galáxia Gutenberg/Círculo de Lectores, v. II, 1999.

_____. *Navegaciones y regresos. Obras completas*. Barcelona: Galáxia Gutenberg/Círculo de Lectores, v. II, 1999.

_____. *Nerudiana dispersa I. Obras completas*. Barcelona: Galáxia Gutenberg/Círculo de Lectores, v. IV, 1999.

_____. *Nerudiana dispersa I. Obras completas*. Barcelona: Galáxia Gutenberg/Círculo de Lectores, v. IV, 2001.

_____. *Nerudiana dispersa II. Obras completas*. Barcelona: Galáxia Gutenberg/Círculo de Lectores, v. V, 1999.

_____. *Nerudiana dispersa II. Obras completas*. Barcelona: Galáxia Gutenberg/Círculo de Lectores, v. V, 2001.

_____. *Para nascer nasci*. São Paulo: Difel, 1980.

_____. *Tercera residencia. Obras completas*. Barcelona: Galáxia Gutenberg/Círculo de Lectores, v. I, 1999.

RODRÍGUEZ MONEGAL, Emir. *El viajero inmóvil*. Caracas: Monte Avila, 1977.

SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas latino-americanas*. Polêmicas, manifestos e textos críticos. São Paulo: Iluminuras/Edusp/Fapesp, 1995.

SPRIANO, Paolo. "O movimento comunista entre a guerra e o pós-guerra - 1938-1947". In: HOBBSAWM, Eric J. *História do Marxismo. O marxismo na época da Tercera Internacional: de Gramsci à crise do stalinismo*. v. 10. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

STRADA, Vittorio. "Da 'revolução cultural' ao 'realismo socialista'". In: SOCHOR, Lubomír *et al.* *História do Marxismo. O marxismo na época da Terceira Internacional: problemas da cultura e da ideologia*. v. 9. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TEITELBOIM, Volodia. *Neruda*. Buenos Aires: Losada, 1985.

WINOCK, Michel. *O século dos intelectuais*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.